



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

A MULHER NEGRA NO CAPITALISMO: UMA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA E DESCOLONIAL

Karolina de Souza da Silva¹; Laurenio Leite Sombra²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: souza.karolina91@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra; capitalismo; expropriação.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das discussões políticas em torno de questões identitárias, tais questões se mantiveram diante de pontos de vista bastante divergentes. Por um lado, há certa perspectiva que privilegia a luta por “identidades”, pensadas mais ou menos como uma constituição *a priori*, mesmo que seus atributos sejam estabelecidos socialmente. Assim, são estabelecidas lutas feministas, indígenas, movimento negro, movimento LGBT, entre outros, não necessariamente articulados ou pertencentes a processos inter-relacionados. Por outro lado, deu-se um crescente questionamento e mesmo crítica às lutas identitárias, supostamente porque elas “desviariam o foco” do mais importante, a luta de classes, esta baseada na concretude das relações de produção, dos modos de exploração capitalista para com a classe trabalhadora.

Como articular estes dois fatores? De que forma o capitalismo construiu e constrói identidades na modernidade? Como as identidades e as relações de trabalho se entrelaçam? O que significa uma resistência a esse processo, se considerarmos esses fatores articulados (portanto, não é apenas uma resistência “identitária”)? Pensar a construção da identidade da mulher negra na modernidade nos permitirá avançar nestes questionamentos. Como somos vistas, depende do ângulo que nos enxergam. E saber como nos enxergam é importante para compreender onde estamos, e construirmos outra visibilidade. Esse é o ponto central desta investigação.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Esta foi uma investigação de base filosófica, sustentando-se na pesquisa bibliográfica como direcionamento metodológico, com bibliografia consolidada durante o processo da pesquisa. Ela partiu de alguns conceitos chave, como rede de sentidos (Sombra), colonialidade do poder (Quijano) e ontologia do ser social (Marx e Lukács)

para tentar compreender, por meio deles, um fenômeno social, a questão da mulher negra sob a égide do capitalismo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A pesquisa partiu do conceito de *ontologia do ser social*, forjado por Gyorg Lukács, para perguntar sobre a universalidade desse conceito, e sobre a necessidade de uma apreensão mais concreta da mulher negra que parece ficar obscurecida por essa formulação. Sendo assim, falar sobre a figura da mulher negra ressalta a necessidade de alcançarmos uma compreensão do modo pelo qual os sujeitos transformaram a natureza ao longo dos anos a fim de acatar as próprias necessidades. Cientes desta estrutura, conseguiremos abertura para falar de uma articulação que seja coerente com os sujeitos sociais dispostos atualmente. Nossa investigação filosófica pretende nos aproximar ontologicamente da corporeidade negra que é assujeitada e que também é sujeita nas ações cotidianas de seu tempo. Estamos falando de um ser social inserido em relações capitalistas. O que é esse ser social a quem aqui posso chamar de mulher negra? De onde vem esse tal capitalismo de tão imprescindível contextualização?

A partir disso, se chegou à investigação do capitalismo, tendo a percepção de que essa forma social só é melhor compreendida no contexto do que ela forma de divisões sociais e identitárias. Se os modos de produção implicam em como os grupos sociais se organizam em determinados momentos da história para garantir sua própria existência, é necessário que haja em associação meios e métodos que garantam a continuidade destes grupos sociais. Então, se o trabalho motriz da sociedade é hierarquizado, a sociedade será também hierarquizada para suprir a necessidade do modelo de produção articulado.

No decorrer da investigação, foi sendo percebido que os essa divisão social decorre, em grande medida, das formas particulares de *expropriação* que, forjadas pelo capitalismo, diferenciam grupos sociais em direta associação com o que lhes cabe no acesso à riqueza, à propriedade (Godelier) e aos meios de produção. É nesse sentido que se constituem capitalistas, proletários, raças, gênero (no contexto da modernidade). É nesse sentido que se constitui a mulher negra no capitalismo.

Mas a constituição social decorrente do processo de expropriação não conta toda a história. Todo processo de domínio social é acompanhado, em igual medida, por diversos processos de *resistência*. No mesmo sentido, toda constituição de um modelo de identidade que partiu do dominante pode ser, ao menos parcialmente, reapropriada por aquele(a) que resiste à dominação. Achile Mbembe (2014) pensa essa dialética como a tensão entre duas escritas. De um lado, uma “consciência ocidental do Negro [no caso, da mulher negra]” (p. 58). Mas há uma reação a esse primeiro momento: “a esse texto primeiro (...) responde um segundo, simultaneamente gesto de autodeterminação, modo de presença em si, olhar interior e utopia crítica” (2014, p. 59). Naturalmente, esse “segundo texto” é atravessado pelo primeiro, não se dá sem as dores da primeira determinação, mas reage a ela. Nesse sentido, “procura conjurar o demônio do texto primeiro e a estrutura de submissão que ele carrega; aquela em que essa mesma escrita luta por evocar, salvar, ativar e reatualizar a sua experiência originária (a

tradição) e reencontrar a verdade de si (...) a partir do seu próprio território” (MBEMBE, 2014, p. 61).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aponta para certa reflexão acerca da correlação entre o ser social, mais especificamente o ser social forjado no modo de produção capitalista, e as identidades sociais, mais especificamente o processo de identificação que constitui a mulher negra.

Segundo o que foi abordado, no modo de produção capitalista, as identidades sociais, dependendo de formas de “propriedade”, dependem acima de tudo de formas de *expropriação*. Não apenas expropriação do acesso à terra e aos meios de produção, mas também de formas de controle da própria vida, do próprio corpo, da sexualidade etc. É isso que faz com que as questões de gênero se articulem, de modo complexo, com as outras questões. A *colonialidade do poder*, que forja as divisões básicas do modelo moderno-capitalista-ocidental, consolida essas divisões a partir de modelos étnico-raciais. É nesse contexto que surge a “mulher negra”.

Mas, obviamente, ela é muito mais do que isso. Afinal de contas, é acima de tudo *o sujeito que resiste a isso*. Não de um modo idealista. Naturalmente, ela *também* é forjada por esse processo, mas em toda a história criou modos de sociabilidade, modos de religiosidade, modos de afeto que ultrapassaram e reconstruíram o que lhes foi determinado. É aí que se inscreve a “segunda escrita”, sem a qual a primeira escrita se torna uma pura determinação funcionalista.

REFERÊNCIAS

- CORONIL, Fernando. “Beyond Occidentalism: toward nonimperial Geohistorical categories”. *Cultural Anthropology*, Vol. 11, 1996.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução do coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- GODELIER, Maurice. *Lo ideal y lo material: pensamiento, economías, sociedades*. Tradução de A. J. Desmont. Madrid: Taurus Humanidades, 1990.
- KERGOAT, Danièle. “Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais”. Tradução de Antonia Malta Campos. *Novos Estudos*, 86, 2010.
- LEÓN, PAULO VÉLEZ. “¿Ontología u ontologías?”. *Disputatio*, Vol. 4, nº 5, 2015.
- LUGONES, Maria. “Hacia un feminismo descolonial”. *La manzana de la discordia*, Vol. 6, No 2, 2011.
- LUKÁCS, Györg. *Para uma ontologia do ser social II*. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Para uma ontologia do ser social I*. 2ª Ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.

- LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo*. Tradução de Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Volume I – Livro Primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kohte. São Paulo: Nova Cultural, 1996a.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Volume I – Livro Primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kohte. São Paulo: Nova Cultural, 1996b.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- _____. *Manifesto do partido comunista*. Tradução de Luciano Carvini Martorano. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- SOMBRA, Laurenio Leite. “O Ocidente como problema filosófico”. *Revista Ideação*, 35, 2017.
- _____. “Classes, identidades e capitalismo: uma reflexão ontológica”. UEFS, 2020a [Trabalho de promoção de carreira para professor titular].
- _____. “A pandemia, o ideal e o material”. *Investigação filosofia*, v. 11, n. 2, 2020b.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.